

Condenada distorção na Saúde

O deputado federal Reinhold Stephanes, presidente da Comissão de Previdência e Assistência Social da Câmara e ex-presidente do INPS, afirmou ontem durante o I Congresso Nacional de Saúde das Entidades Não Governamentais, que o governo está jogando dinheiro fora com as Ações Integradas de Saúde (AIS). "O Inamps está repassando dinheiro para Prefeituras e Estado, cobrindo déficits orçamentários, e não está dando certo em nenhum lugar do País." Segundo o deputado, o próprio Inamps reconhece, em relatórios, que o sistema AIS está "furado".

Stephanes afirmou que a União aplica muito pouco na área de Saúde, apenas 5,6% do Produto Nacional Bruto, e gasta em assistência médica uma média de 35 dólares por habitante anualmente, quando essa média em países desenvolvidos está em torno de 800 dólares.

Francisco Eduardo Barreto de Oliveira, economista da Secretaria de Planejamento e ex-secretário do Planejamento do Iapas, afirmou que na prestação de serviços de saúde do Brasil o setor privado tem demonstrado ser "incomparavelmente mais eficiente em relação ao setor público". Em 1984, segundo o economista, os hospitais públicos responderam por 14,66% das internações, enquanto foram responsáveis por 29,86% da despesa.

O ex-secretário de Higiene e Saúde do Município, Ricardo Veronessi (demitido momentos antes de iniciar sua conferência na manhã de ontem), colocou-se contra a estatização do setor saúde. "Vivemos um verdadeiro milagre: Cz\$ 50,00 conseguem pagar a diária de internação nos hospitais particulares contratados pelo Inamps, enquanto

nos hospitais do governo essa diária custa Cz\$ 700,00", disse o ex-secretário.

Francisco de Oliveira ressaltou que a rede privada tem demonstrado maior eficácia na qualidade dos serviços, embora o atendimento pelos órgãos públicos seja mais caro. Ele citou uma pesquisa realizada recentemente pelo Departamento de Ciências Sociais da USP, que deixa claro a preferência da população pelos serviços prestados pela iniciativa privada. Para o total dos entrevistados, 66% preferem atendimento no setor privado. Nas classes de renda mais baixa (abaixo de quatro salários mínimos) esse percentual cai para 51%, elevando-se para 82% para aqueles que recebem acima de dez salários.

Para o economista, o governo possui capacidade física, mas não capaci-

dade gerencial. "Falta ao Estado agilizar a administração de recursos." Francisco de Oliveira citou como exemplo o hospital do Inamps de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, inaugurado em 1981 e até hoje funcionando de forma precária, principalmente por falta de médicos. "O empreguismo, a burocracia, a falta de capacidade gerencial são fatores que levam a máquina estatal a ser emperrada e lenta, além de pelo menos quatro vezes mais cara."

Reinhold Stephanes é favorável à manutenção da privatização na área de saúde curativa, com o incentivo da medicina de grupo e sistemas de seguro-saúde e pré-pagamento. Ele defende ainda a aplicação, pela União, de mais recursos na área básica, que deve continuar nas mãos do Estado. "O orçamento do Ministério da Saúde é um dos mais baixos da União."